

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS - U.C.G.,

DE DAVILO ALMEIDA E SUI MENDES

"O SOL E O SOL DE CASADO"

Na primeira cena, todas as luzes estão apagadas.

Os personagens estão posicionados no palco.

Do lado direito, de frente para o público, uma espécie de altar.

Atrás do altar está Antônio Carneiro e em sua frente algumas pessoas, de costas para o público, ouvem com toda atenção as coisas que ele diz. São jogadores, mulheres, homens em total silêncio.

Os homens seguram as chapéas na cintura, do lado direito ou esquerdo. As mulheres seguram os braços.

Do lado esquerdo do palco, um cartazão cabibalaia usando chapéu e com um violão.

Ele: As falas de Antônio Carneiro são ouvidas pelo público.

O silêncio é quebrado com vozes de crianças numa espécie de recreio, com movimentos que caracterizam crianças brincando.

do.

Um estrondo, disparo de um canhão, faz as vozes silenciarem e ouve-se um choro forte de bebê. Silencia-se o choro, entra uma voz com notas sardentinas.

Obs: Nas vozes das crianças assim como, a voz sardentina serão feitas em uma gravação em fita cassete.

SARDENTINO - Já tempo que o sol por aqui tem sido o mesmo.

As canções de ninar, não declinam a primavera e as crianças cantam mais alto o sol, do que suas próprias brincadeiras! Mas não é só o calor que queima por aqui! As pessoas estão ansiosas e é visto em seus olhos um clamor de piedade, de justiça! Elas parecem acreditar que já se chegou ao topo máximo, que de agora em diante, os acasos tudo os estão mais cedo,

E na verdade, muitas mudanças estavam acontecendo. O país mudando de roupa; saindo de um regime monárquico e adentrando com pausas velozes, rumo à república.

Mas não era essa, a mudança desejada pelos sertanejos. Eles não sabiam o que era regime, monarquia ou república.

E o pior, é que nem a monarquia, nem a república sabiam quem eram os sertanejos.

A partir de 1888, os coronéis, os latifundiários, a Igreja e todos as formas de poder no nordeste, mais precisamente na Bahia, depois no Brasil, se convêm e suas bases crescem com o aparecimento de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Condeineiro.

Obs: Este último parágrafo é cerrado com maior intensi-

cidade. No início da leitura do parágrafo é jogada uma luz no lado direito do palco, deixando transparecer uma penumbra. Trem-parece ao público a figura do conselheiro fazendo uma pregação. Os fíziis carem atentos, mas a tensidade de seus palcos ainda não chegam ao público, ficando restritas ao palco.

No lado esquerdo uma luz cobre um sertãozinho, este levanta a cabeça e canta uma canção que relata estatisticamente as circunstâncias de casados. (música) - Anexo 1

No final da música, as luzes são transferidas para o lado direito do palco.

No exato instante desta transferência, os palcos ditos por Antônio conselheiro, que estavam restritos ao grupo de personagens passam a ser vistos pelo público.

Essas palavras são sombrias e subjetivas, alterando-se nos momentos de maior ênfase, prevalecendo o tom que ardente.

ANTÔNIO - Meu irmão, pouco importa o que disse a seu respeito. Os comentários sobre minha pessoa chegaram aos seus ouvidos muito antes de estarem nesta jornada junto comigo.

Em minhas andanças por todo este nordeste, de um canto a outro, vi com meus próprios olhos, protegidos por Santa Leza e Nossa Senhor Jesus Cristo, os maiores desamores e desrespeitos dado aos seres humanos.

A verdade é que tem aqui comigo, uma luz forte que clareia aqui onde estamos e muitas lógicas abstratas! E é ela que vem se dizendo a todo instante, ao pé do meu ouvido, que as coisas aqui podem ser diferentes! E é nisso em que eu acredito, se vocês acreditarem também, não estar sendo protegidos por esta luz que é imensa. E com certeza, não foi feita só pra mim!

Ora! A cada instante que A. Conselheiro faz referência aos sertanejos, há a ameaça de manifestos entre os mesmos. A transferência destes manifestos é a ar de satisfação.

ANTÔNIO CONSELHEIRO - É por isso, meus irmãos contenciosos, que estou aqui, mandado por uma força maior que todos os serenos e todas as autoridades juntas maior até mesmo : que toda fome e humilhação que nós e nossos irmãos sertanejos estamos passando.

- De presente interrompe:

- FERNANDES - Mas meu pai conselheiro, se desculpe " Um interrompê, mas toda ignorância qui paga os seus impostos, e se perseguição ?? Cada casa qui chega aqui vindo de fora, trata sempre assim que seus filhos são sendo comestada por todo canto e muita das vezes mal aceita, mal entendida.

A. CONSELHEIRO - Eu sei disso!

(OUTRO FERNANDES FOMINHO INTERROMPE)

- FERNANDES - É verdade, meu pai. tão dizendo que esses seus filhos não são muito longe não!

- Um pequeno tumulto por comentários diversos uma coisa de ambiente. Com a interferência de Conselheiro todos se cala, simultaneamente.

A. CONSELHEIRO - Meus irmãos! (Silêncio absoluto) Foi a vida inteira perseguido, mas não estou só! Existe uma força maior e vocês têm que acreditar. Tem a fé que há vitórias, há paz, etc...

no término das últimas palavras as faces desta - como são cedendo e na mesma proporção a voz de Conselheiro.

Quando o palco estiver totalmente escuro, as personagens vão estar de costas para o público. Depois de uns sete segundos o grupo começa a cantar a música "sobradinho". Inessa cena será feita uma coreografia onde as personagens, no ritmo da música, dançam até o seu final. Na parte que diz "o sertão vai virar mar, dá no coração"... acende-se as luzes e o grupo virase de frente para o público. Ao final, quando diz "romance, cara nova, sobradinho alegre", sai o grupo de cena permanecendo apenas as personagens, este fará uma narração em versos de cordel.

Ação 2

CHICO CORDEL

Este é Antônio Concelheiro
 Sendo muitos janceiros
 A luz deste lugar
 Havia na vila Quindarambia
 Dizia não é tão pertia
 Pois fica no Ceará

Não fala de si mesmo não
 De certo tem razão
 Deixa as máquinas pra lá
 25 anos de peregrinação
 De fome e judiciação
 É muita coisa pra contar

Pela estrada assim ele seguia
 Cortando toda a Bahia
 Pernambuco, Sergipe e tron mado
 Odiava de joia, juiz e pedreiro
 Deleu de lado o diaboiro
 Sua missão era a paz

Seu carisma impressionante
 gente de todo canto distante
 vinha assim lhe acompanhar
 Pra ouvir seus discursos
 Conhecer direitos e deveres
 O seu jeito de orar.

Quem era aquela atrevida
 De onde é que foi trazida
 Permanece a igreja intrigada
 Os coronéis poderosos
 Os governantes medrosos
 Toda aquela gente assustada

Muita coisa nesta história parece absurdo
 Mas quem diga que ela também foi sofrida
 Ésta história cheia de mistério
 Deseja-se o construir igrejas, escolas e hospitais
 Querendo não se lembrar
 Das dores deixadas num canto, pra que estão recordar.

Em 1889, saída de Salvador
 25 (vinte e cinco) de abril, Dom Jerônimo envia
 Três padres cheios de plano
 Querendo o movimento finalizar
 Entre eles um italiano
 Lá se foram pretendendo os Canadós chegar.

Mas arrepare o que se passou
 Os três missionários os Canadós chegou
 Os famintos de cara logo acostou
 Nenhum dos três nada entendeu
 Tanta gente falando, sem um segundo parar.

Lá nos três da vontade de voltar.

Chico Cordel ameaça sair de casa
Antes porém, volta e diz mais um verso

- CHICO CORDEL - Camote! Em esta a tanta história

Fugiu de minha memória
Omitindo-me apresentar
Sou Chico Cordel
Nasci neste céu pintado de azul
Quem gostou de rir e gostou, quem não gostou, rir-se ve-
cê!!

- Assim que Chico Cordel sai a casa é transferida, so-
lilo presentes- D. Jerônimo, Frei João Evangelista, Frei Casiano
e Padre Sabino.

- D. JERÔNIMO - Irmão, precisamos acabar com esta
figura insignificante que anda pelas sertões, pregando o Evan-
gelho, rezando missas, batizando fiéis e oferecendo a Santa
Eucaristia em nome da Santa Igreja! Isto é um trabalho que Cris-
to ordenou aos padres e aos seus representantes na terra! Portan-
to, não deve ser desrespeitado por qualquer retardado que resolve
fazer-lo, tirando assim a autoridade dos párocos da região!

Você vê! É em nome do Santo Papa, assim com está
discretos e procura resolver de uma vez por todas com esta asag-
quia deste tal conselheiro. Assim, estaremos preservando o nome
da Santa Igreja e as ordens de Jesus Cristo, transmitidas aos
apóstolos e nomeá-los chaves da Igreja.

Vejam só, se isso continuar, daqui a alguns dias, qual-
quer um vai querer acorcor a missão reservada aos padres!

- interrompe João Evangelista

JOÃO EVANGELISTA - Mas Sr., este assunto não nos parece tão simples de ser resolvido! Esta honra conseguiria-se em pouco tempo, reunir centenas de adeptos que o seguem, e acredita-se fervorosamente naquilo que ele prega.

« Acrescenta frei Castanho:

- **FRÉI CASTANHO** - Be falo! É que o irmão João Evangelista está questionando os fundamentos. Ora vejam, meus irmãos, até uma cidade este fanatismo faldou, onde se costume o que se preda, e segundo informações lá se vive em perfeita harmonia! Sendo assim Sr., qualquer atitude contra este tal conselheiro poderá nos trazer graves problemas.

- **PADRE SÁBIO** - A propósito D. Jerônimo, V. Rev. Mage dita ter alguma relação entre este movimento com o Sebastianismo? Que como é sabido nos assiste e também a República!

- **D. JERÔNIMO** - (com ar crítico) - Irmãos, vocês estão fazendo tempestade em copo d'água! Quem é este pobre conselheiro, comparado ao movimento messiânico de D. Sebastião, rei de Portugal? Este estado é, no mínimo, mais um oportunista que surgiu por aí!

- **JOÃO EVANGELISTA** - Santo Deus! Já que diga que há um envolvimento dele com os Monarquistas, tentando derrubar a República!

- **PADRE SÁBIO** - Declativo, tentam receber auxílio de forças externas!

D. Jerônimo não se contém e se exprime com ríspas.

JOÃO EVANGELISTA - O Senhor está riado!!!

B. JERÔNIMO - Desculpe-me. Estas vias de vozes me-
doas, de vozes ingenuidade. Frei O que poderia um analfabeta
tentado fazer contra uma estrada como a república? E qual
é lei que se arriscaria a dar auxílio a um movimento que já
nasceu morto? Depressa! A viagem não é curta, e precisamos acor-
tar logo com isto. Além do mais, como governador, Senhor Luis
Vianna, que nos apoia, avisa também pelo fim deste movimento.

- PADRE SÁBINO - Sendo assim, lá vamos nós.

As lutas se apagam, ouve-se uma música sacra, em se-
guida algumas bateladas de vino. Quando encontram-se os três
edicionários e alguns poucos de Antônio Conselheiro.

- JOÃO EVANGELISTA - (com ironia) Ora veja, se não
é o grande Antônio Conselheiro!

A. CONSELHEIRO - Loucado seja esse Senhor João Cris-
tão!

JOÃO EVANGELISTA - (com ironia) Sou Frei João Evange-
lista, este é Frei Castano e este é Padre Sabino.

A. CONSELHEIRO - Em que posso ajudá-los?

- FREI CASTANO - Mas como ajudar? Conselheiro?

Viajamos 12 (doze) dias por este sertão afóra, e quan-
do aqui chegamos nem mesmo veio nos receber!

- A. CONSELHEIRO - Desculpe-me! É que estamos cons-
truindo uma nova igreja e além do mais, foram vocês que vieram
falar comigo e aqui estão. A propósito, venham-se, devem estar
cansados.

- JORGE EVANGELISTA - E, estamos

los três sentam-se, o conselheiro permanece de pé)

- PAZEE SÁDIO - É conselheiro, pela visto você construiu mesmo uma cidade. É ao que nos parece, as pessoas aqui são muito corajosas.

- A. CONSELHEIRO - Poderia saber por que?

- JORGE EVANGELISTA - Ora porque? São tiraram os olhos de nós um instante só quer! Saíam de suas tocas como coelhos apertados.

- A. CONSELHEIRO - Mas não são coelhos, são humanos! E não são tocas, são casas!

- JORGE EVANGELISTA - E, mas não estamos na péssima para falarmos em coelho.

(JORGE EVANGELISTA sorri)

- J. EVANGELISTA - Sr. Conselheiro, se andarmos pelas tocas (CONSELHEIRO RICHARD COM OS OLHOS).

- J. EVANGELISTA - Desculpe-me, pelas ruas, reparei em cada toca. (DESCULPA-SE e CONTINUA) quero dizer, em cada casa, que os coelhos, isto é, as pessoas que vivem aqui estão em a menor condição de vida, isto é um absurdo! Não é assim que se deve tratar os seres humanos. Percebo-se que nem o que comer eles têm pois, pode-se ver os ossos de suas costelas, os seus olhos na mata e que estão em péssimas condições de higiene. É preciso que cada um destes obscuros voltem para suas vidas normais, para as lares de onde vieram e tenham uma vida mais digna!

(as letras de cada viciosa e tinham uma vida-sei-aígan)

A medida que Frei João Evangelista vai falando sua tonalidade de voz vai aumentando, tendo o apoio em cada palavra dos dois acompanhantes. Eles só não percebiam que a cada instante de exaltação por parte de frei João Evangelista a igreja se enchia dos os seguidores de conselheiros hosteis a cada um deles. Traziam consigo foices, macho, pedras de moinho, barcos, etc. Os missionários só perceberam sua presença quando os dois padres (castelo) avisou Frei Evangelista.

- PEE CASTANO - Mas o que é isto, Conselheiro?

- PEE CASTANO - Eles parecem brônco!

A. CONSULHEIRO - Eles não são assim!

(Volta-se para seus adptos.)

Iraões, voltem para os seus afazeres!

Eles vieram ao mundo de paz!

Ele: As palavras do Conselheiro faz com que todos se movem e instintivamente retornem para seus respectivos lugares. Depois de os adptos paramos a distância, esse após o final da cena fará a narração dos fatos posteriores.

- JOÃO EVANGELISTA - Pelo que se vê, o senhor está muito bem protegido! (Irrônico)

CONSULHEIRO - Eles são apenas meus irmãos!

- JOÃO EVANGELISTA (meditando de assustado). O Senhor acredita que a monarquia poderia resolver os graves problemas so-

ciais, enfrentados pelos sertanejos?

CONSELHEIRO - Não creio que este problema possa ser resolvido por monarquia ou república. Aqui, não lembramos de um ou dos dois: temos mais o que fazer.

FEEL CANTANO - Mas Conselheiro, sabemos que você é monarquista.

CONSELHEIRO - Isso é 'você que está afirmando. E eu já lhes disse: aqui não conhecemos nem um, nem o outro. Aqui age nas visões.

JOÃO EVANGELISTA - Mas que aborreci!

Na França que é católica, já não existe há muito a monarquia. Lá também impera a república.

CONSELHEIRO - Não sei do que fala!

Se é apenas isso que os trouxeram aqui, sua missão está cumprida. Temos algumas obras em andamento, se quiserem conhecê-las, acompanhem-nos!

Ele: O personagem que personificou seria João Abade, pai de Antônio Conselheiro e amigo próximo.

JOÃO ABADE - Sou João Abade, amigo pai do meu pai Conselheiro. Estou aqui por alguns dias. Fizera alguns casamentos, batizados, e algumas confissões com isso, acreditava que ganhava alguma confiança. Mas danou a reitor das coisas daqui da terra, como se aqui fosse outro mundo, semel! Até de Louco eles chamam a gente. Danou também, que tudo o que lava acontecendo aqui era pecado. Que era prá nós arrastar as malhas e parti.

Alí foi que discutíamos o que ele queria, e até o des-
 les. Ficamos arregrado. Com a gota serrada! Mas é que eu sabia de
 perto queria mesmo que a nossa cidade, e depois lá o nosso
 pai conselheiro!

Virava um peido no mundo! É...

Estamos os três pra correr. Parecia pinga-lua danado no
 mundo.

Ficamos por aqui 11 dias, tempo demais! Agente já tá
 agoniado com a presença daqueles 3, graças a Deus fora embora.

A última notícia delas é de um relatório que eu dei.
 O tal engenheiro, mandô pra autoridade da Bahia, falando de
 nosso pai conselheiro. Mas era tanta mentira, que sem mesmo o
 bispo acreditô.

Don... Agora já fora embora, e não que temo dando, mas
 tá trêis pra eles.

Don: João Abade é interrompido por uma mulher que
 grita a longa distância.

JOSÉFA - João Abade! É João Abade!

Alí o sol está tã "coz", e tu tagarelando deita no qua-
 nado.

João Abade - Há isso não, Josefa!

Tô aqui matutando como é nossa vida aqui no canudo.

Tu se lembra como foi que começou os atrito com nosso
 pai conselheiro?

JOSEFA - Quando? E com é pra lembrar não? Aquela infelizia.

JOÃO ARARI - Quasi delect?

JOSEFA - E jáis com, Sr. Arlindo Leane. Já apais bronca do pai conselheiro, dando o strito em bom conselheiro!

JOÃO ARARI - Sim, eu me lembro!

Quando o conselheiro mando qestina os papéis, aqueles com nome de editeis, que annunciava a estranga do imposto.

Desse um rebuliga da gente.

JOSEFA - E apais num foi? Pois é, foi o mesmo desgraçado que parecendo uma fofoguera, bateu no peito do governador, Luis Viana, que o mesmo pai conselheiro iria a Juazeiro a Junta conta pra ele se recebido as madeiras, aquelas que ele tinha comprado por lá.

JOÃO ARARI - Madeiras? Sim as madeiras pra construção da Igreja, dedicada a Santo Antônio.

JOSEFA - E apais, foi aí que veio aquela madeira de soldado, disposta a liquidar com tudo.

JOÃO ARARI - O mal se deu em Vande? tu num se lembra? Aquela cordão da gente cantando e rezando.... Ai dançou-se tudo, esse soldado, imaginava que ia atacado.

JOSEFA - É mais fora eles que atacaram.

JOÃO ARARI - Sim foi.

Antes de terminar o diálogo surge-se um canto de procissão, logo em seguida trava-se um combate entre os conselheiros e a tropa de soldados, caracterizado pelo grupo de capoeira.

Os componentes desta procissão levam nas mãos estandartes, bandeira do divino, uma cruz de madeira e estacas Nina e reis.

A nós deuses divinos Iai!
 A nós deuses divinos Iai! Iai!
 Nina
 Em nossas almas sucedei
 O amor, o amor de Jesus!

Essa voz alegremente de um soldado: soldado as fanfarras querem guerra, fogo sabem!

Trava-se a primeira batalha caracterizada por uma coreografia que retrata os incessantes golpes entre soldados e conselheiros, estes armados com cavinotes, facões, chacos de vaqueiro, facas etc.

Após a batalha os personagens saem de cena, surge-se um grito de vitória.

Entre essas cenas uma personagem que fará um relato e a introdução da cena seguinte. Esta estará segurando um fancho.

PERSONAGEM - Chega!, bando de queegás! Aqui não leva é chumbo no rebol! (Vira-se para a plateia)

Essas calças frouxa são de nada são, bando de marica! Parece que nessa luta perdemos alguns irmão, mais eles perderam muito mais, e se volta perde mais ainda e mais tanto sabendo que eles não volta. Essa gente sabe mais isso sem nem contar mais são, tanto bem protegido pra nosso senhor e também pelo bom Jesus que

seineira.

Ôs: Essas imitantes bate o sino.

PERSONAGENS - Vipe Santa protetora dos apunhados! É fôla no nome, eis aparece!

Tamos vós que vai dize desse virito.

Ôs: Apagam-se as luzes, se acenderem novamente encontram-se a seineira e seus adeptos:

CONSELHEIRO - Que a paz de Cristo esteja convosco!

Todos e contigo também!

CONSELHEIRO - Irmãos! Já não sei se teremos os mesmos dias aqui vividos! Mas sabeis que de um canto ao outro corre fogos sobre essa comunidade, a maneira que vivemos e tudo que aqui acontece.

É isso tão importante e muito aqueles que não acreditam em uma maneira mais justa de se viver, não acreditam que o pão dado a um, se repartido mata a fome de outros, que a força de um, somado a de outro é ainda maior. eles não estão acostumados que a sãia que negros e brancos são iguais. Que a liberdade é ainda a flor maior desse jardim chamado vida. (alterado) - Por isso viáreis aqui. Embora argumentas outros motivos, mas a verdade é essa: nós os assustamos porque somos fortes, e eles vão querer provar o contrário é é certo que voltarão mais forte ainda.

(EXALTADO) - Mais nós não correremos. Estamos em paz e Cristo é testemunha.

A esta hora devem estar tremendo um novo ataque e

não estaremos espando, poria desta vez não estaremos armados com bandeira, rezando e cantando.

Eles é que se atrevem (com lábios) todos saforicos.

Apagam-se as luzes; a cena é transferida para Salvador, onde estão reunidos militares e o governador Luiz Viana. Discutem o fracasso da primeira expedição e organização da segunda.

LUIS VIANA - Meus compatriotas, ilustre comandante Frederico Solon, sente-se!

(Agradecimentos dos militares)

Vejam e se atentos que a república atança para se organizar, e mas deu se suas primeiras passos, e já nos deparamos com este movimento que parece querer colocar-nos em cheque. Se o problema é local entre Juazeiro e Canudos, por que não deixar que eles resolvam entre si?

FREDERICO SOLON - Mas Ex. , nunca! Se hipótese alguma abandonarmos esta causa! Não é justo a humilhação que passaram nossos soldados, diante de um movimento guiado por um leão qualquer. Temos um nome a salar, é preciso que organizemos imediatamente uma segunda expedição, para liquidarmos de vez com esses isebetis.

LUIS VIANA - Concorde, ilustre comandante, que foi desagradável e até intolerável esta passagem!

Mas a verdade é que não invadimos uma área que não nos dia respeito. E tudo por causa de um atrito entre um juiz e este tal conselheiro. Estas coisas, não estamos cansados de presenciar em cidade pequenas, pelo interior a fora. Portanto não

são Solon, deixe as coisas como estão, assim será melhor para todos.

P. SOLON - Me perdoe governador, mas nessa hora, deixo transparecer que esta comissão tem vossa proteção.

LUIS VIANA - Comandante! Tenha mais cautela com o que diz!

P. SOLON - Desculpe-se excelência! Mas não são nós, eu liqüidar com este movimento. Custe o que custar, e para isto, temos aqui a pessoa indicada ao oficial competente, enérgico, valente e que com certeza acabará com este movimento, não deixando muitas dúvidas se quer! Este deste oficial: Fabrício de Brito. Levando em consideração que o oficial que vossa Excelência enviou para a primeira expedição, falhou clamorosamente! Como é mesmo o nome dele? Ah! Sim o tenente Nilton Ferreira.

ORA: a medida que o comandante Solon fez é elogio, é percebido no rosto de Fabrício de Brito, sua ar satisfação.

FABRÍCIO DE BRITO - Senhor tenente

Muito me alegro a confiança em mim depositada!

1 Senhor governador tenha a certeza que não se deceparárei.

Em minha longa caminhada dentro do exército, tenho passado por situações bem mais desfavoráveis do que esta situação que a mim é confiada!

LUIS VIANA - Calado com o excesso de confiança!

FABRÍCIO - Não se preocupe, Ex. muito antes que ima-

giram estarei aqui! Viciados!

SELEN - É exatamente isso que precisávamos ouvir.

LEIR VIANA - Espero que não se arrependam! Quero que fiquem bem claros a minha opinião sobre mais esta expedição a Canadon.

Isso eu não, permanece uma servidão do governador, que durante a cena entra fazendo faxina, levando água e outras coisas mais. É perceptível que a cada instante em que ela permanece em cena, está sempre atenta ao que se discute.

SERVISAL - Não é de minha conta, não! Não como é feita esta gente, Jesus Amado! Leir Viana, nosso governador, esse que está indo por cima, que vê a olho mais não o tal de Frederico não. E com razão! Esse Frederico é um capador de enxada. Ele que é vê a cabeça do nosso governador. Mas o Dr. Leir Viana, é muito esperto, nossa orelha de vai, de não vai a tal Canadon. Ele que, é tá-bem com todo mundo. Política é tudo igual!

Ah! Não! Esse outro, o Rebelião, que se dá Volante, que vai querendo e pau que vai arrebentando eu solicito aqui um le etc...Mas deixa isso pra lá, que não é mesmo de minha conta.

É que eu sei mesmo, é que a cena hora já deve estar a caminho. Quero só vê, e que isso vai do.

Que! Movendo a cena é transferida para Canadon. Estão reunidos João Abade, chefe de combate, João Abade, Fogaré, Estevão, Antônio Conselheiro.

ANTÔNIO CONSELHEIRO - João Abade é que, acontece com o nosso irmão Rebelião?

JOÃO GRANDE - Foi-se meu pai tentou se apoderar de

uma cadeira e não voltou mais não.

PAZÃO - E diga mais, meu pai conselheiro! Junto com ele, fora outros também. Viga lá! Nunca vi tanto soldado.

CONSELHEIRO - De anoite não fugiu, essa vez voltamos também! Agora é se prepara porque eles vão voltar novamente.

Entra Chico Cordel narrando perto da casa anterior, a sequência da posterior, junto com eles entra, algumas mulheres.

CHICO CORDEL - A coisa aqui parece que
 deu-se ali também que o conselheiro ar-
 reles-se
 Com essa 3ª expedição
 Vieram querendo a lutar
 ganhar/
 Mas seria muita
 preterção/
 Pra quem não sequer sabia
 lutar!

Os: São dos personagens que estavam no fundo do pal-
 co, junto as outras conversando, interrompe:

MARIA FRANCISCA - Chico, deixa de tanta agonia não,
 faz um verso bonito e alegre pra gente. Faz aí não?

CHICO CORDEL - Maria Chiquiana, é com rima ou sem ri-
 ma?

TEREZA - Com rima Chico?

CHICO CORDEL - Pois segure

Vem a luz vergilada vermelha que nos convida. Si ocêis
não queria que eu tivesse aqui pra que se exporiam e jequet?

- Os personagens são desconhecidos

CHICO DINIZ - Deante! E isso é hora de verio bonito?
Por aqui tá tudo danado, feio e esquiado
Apenar de respeito que tenho por eles,
altos, baixos, gordos e magricelas,
são valentes por tantas vezes demonstrarem,
atirando de todo os castos, teñados
Furtos e jactancas!

Sim, Caracóis não foi destruída com...
mas será que a paz tá garantida
ou será que não tá não?
Na dúvida é melhor se apressar,
Pois já vem a terceira expedição
Querendo a cidade arrasar

Bem-vem a contingente humilhado,
A força maior ainda ficou
agora ainda gente só com muita raça
E com um bocado de coragem
Pois é o sã de Moreira César
que vem chaflando esta cidade.

Obs: No penúltimo verso quando se diz 1ª expedição, ou seja um toque leve de ataque que vai aumentando de acordo com a intensidade dos versos; Ao final entra: os repórteres representando a 1ª expedição, se término apaga-se as luzes.

Ouve-se um grito de vitória.

A próxima casa será feita por mulheres que estarão lavando roupas no fundo de um quintal. Por trás das mulheres um varal com algumas roupas, uma das mulheres estará colocando mais roupas.

MARIA FRANCISCA - Oh, minha Santa protetora das virgens canôlicas, quando é que tudo isso vai fender?

MARIA RITA - Sem perguntas, Maria Francisca, já não tô nem acreditando em oração, já venci tanto.

JOSEFA - Também não é assim não, Rita, já é a 41ª vez que eles vem, cada vez mais forte e tão sempre sendo derrotados.

MARIA FRANCISCA - Isso é verdade.

SANTINHA - A verdade é que não para de chegar gente aqui em Canudos, láá gorinha secontrei Iracilda.

MARIA RITA - É gente nova?

SANTINHA - Sim, ela me dizia que a família veio passando por Angico e lá se deu com um horror de cadáver.

MARIA FRANCISCA - É ora gente nova?

SANTINHA - Também, mais a maioria era parte deles, cada um triste! Mais bem feito pra eles, deixam de se machucarem!

JOSEFA - Conte o resto, Santinha.

SANTINHA - Aquela morte de osso misturado com as fardas, tamboreas furadas, botia pra todo conto e aquela mastoeira de corpo, tudo seco, modo o sol!

JOSEFA - É, mais podia perceber que João deles tinha todos os pertences. Ninguém aqui se atreveria a tocar em nada, nem um botão sequer.

SANTINHA - Só as armas. Elas pegara tudo.

JOSEFA - Cuento! E tu queria que as armas apodrescessem também? Feito os defuntos? É essa luta que tá acontecendo agora? Tu acha que mais vamo lutar a vida inteira com facão, feição e pedaço de pau?

SANTINHA - Isso é verdade! Mais gente tá preocupada só com isso não!

MARIA RITA - É o que mais, menina?

SANTINHA - Sêta num acha que o paizão de um tempo prá cá? Tá mais poroque, meio desanimado e com uma tosse arreçada?

MARIA FRANCISCA - É!!!

Cham Ouve-se um sino tocando, todos voltam-se procurando-o.

MARIA FRANCISCA - Escute, é o sino! Se apressa! Representa!

Cham Várias movimentações são feitas entre elas, arrumando as trouças e tirando as roupas do varal;

Cham No instante que Josefa se abaixa para pegar a trouça, volta um "Pum". (gritando em alta cassete).

SANTINHA - Arreda caralho!

JOSEFA Eai? (Inocente) É Injustiça!

MARIA FRANCISCA - (com a mão no nariz) É tu mesma, já não basta a merda que é essa guerra? É tu inda achas de fazer o serviço aqui.

MARIA ESTÁ - Parece que comes papo de urubú! Pôque se-jenta! (mostra um sabugo).

JOSÉFA - Quênto, o que é que eu só falar com isso?

SANTINHA - Tu sabe! .

Apegem-se as lutas.

Entrem todos os fiéis que estiverem ajoelhados.

CONSULHEIRO - Louvado se já nosso Senhor Jesus Cristo!

TOCOS - Pra sempre seja louvado.

CONSULHEIRO - De pé meus irmãos! Eu sei a este con-stante bombardeio tive que lhes convidar a sair-me, por se tra-tar de fatos importantes. Do contrário não os chamaria.

Entristecem-se pelos que se nome de nosso desafio par-tiram dessa vida sem delatando, mas alegrem-se por saber que quan-to outros aqui estão chegando acreditando em nossa luta. Gente vindo de todos os lugares, e que Deus os abenço e lhes seja grato. Mas gostaria de lhes dizer, que já não são mais, os meus passos. Devo confessar que meus olhos estão cansados e que meu corpo não mais os acompanha.

A quem explicar? se tão logo aqui não estiverem! todos abaixam as cabeças! que este sangue derramado nessa luta insep-ante não é apenas por nós; tem sofreram nossos avós, sofrem nossos filhos e sofrerão os filhos deles!

Como explicar que é uma luta para os nossos vizinhos ?

Ainda que assim eles não saibam!

Eles desamarram seus irmãos queridos e todos levantam as cabeças, não deixam impressionar-se com tanta frequência, algumas pessoas estão cansadas, seus olhos vêm pouco, seu corpo é frágil. Eles frêgem como estes pobres coitados que acreditam estar-nos vencendo. Eles não sabem o que fazem. Principalmente os dois pobres soldados que não sabem porque estão aqui.

E é por isso que sempre lhes pedi para que os prefereças, adoeçam os oficiais, estes sim, na história das vezes, são óciosos de seus atos. Já é a quarta expedição que aqui vem tentando nos destruir. E já é sabido, que um outro reforço caminha para nos liquidar. E não sei, sinceramente, se ao final desta jornada ainda estaremos todos juntos. Lá queria lhes dizer que vos amo. Amo muito! Mais do que a mim mesmo! E onde quer que esteja, estarei junto com vocês, rezando e pedindo a Deus por vossa proteção. Ainda que eu saiba que muitas outras violências nosso povo e os nossos vizinhos terão que passar.

São que a guerra não acabou, e Canudos não pode ser destruída.

Eu estarei sempre com vocês onde quer que seja, não me peço e que o Senhor os acompanhe.

Eu sou do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

(TODOS: Amém. Lapeçam-se os olhos).

Os personagens anunciam a morte do Conselheiro.

PERSONAGEM - O conselheiro morreu.

Os personagens formam um aglomerado no centro do pal-

88. Tal vez tu não gostavas de trabalhar para a família...
 89.

Quatro homens seguram o mortuário de A. Condeineiro ;
 os outros homens apoiam as chapéus sobre o peito; As mulheres
 seguram seus terços e em suas cabeças, um longo véu preto.

após o grito do personagem, faz-se um silêncio.

ENTENHA - Paícho, faz isso comigo não sabe é que tu
 pensa que vai?

Tu vai té coraça de abacóia a gente?

O que será de mim?

O que será de todo mundo aqui?

O que será dos maneiros que nunca tiveram coraça de
 lha arranha? De lha maltrata?

Responde paícho, não, responde!

E a lha que tu tanto falou?

Tu nem partia e já tá tudo tão escuro, tão triste.

Vem falar aquelas coisa bonitas, que só tu sabia fa-
 lar! Fala Paícho, não sabe curvindo. Sabe! As coisas aqui sempre
 foi tão difícil, tão danada.

Aí tu aparece falando para o público, como se esti-
 vesse recordando). E tudo passou a ser diferente, até o jeito
 de sorrir a gente tinha perdido. Era tudo tão sem graça, sem
 fé a gente tinha. Mas agora tá, triste de novo, por saber que
 vem sófrê outra vez.

Vai não falhar. (Volta-se novamente para o conselheiro -
rol).

Tem pena dele. Fique!

Olhe! aqui ainda vai ser de jeito que tu sempre falas:
é só tu ficar. (Estimista).

O Sol é forte mais é nosso amigo, nunca abandona a
gente, tá sempre aqui. E não é assim, paião e tu sabe disso, em
lugar nenhum do mundo, um lugar tão lindo como este do
sertão.

Ora: ao término, canta-se ou recita-se música local do
sertão "-(Aaaaa³)". Canto de Paixão seareense.

Os personagens permanecem como estavam em volta do
conselheiro, fazendo suas orações, um deles canta uma música
floreira de Barival Cayula Lemos⁴), iniciando um cortejo, dando
uma volta pela platéia. Revendo entre música e orações. Em
seguida entra em uma das cuginas. Fica no palco os personagens
narrando a próxima cena!

ESPERTALHO - Vê meu braço direito
Por esse caminho estreito
Que o destino lhe reservou.

de apressa não, cedo eu
mais tarde aparece de
Quem era o irmão.

Quem sabe entre viciado
e iludido
Encontra a vida que tu
sempre procura

Quem sabe agora lhe
 dizem casido,
 Pois o que tu disse sempre
 faz sentido, importa onde são

Mas a lata aqui não se
 sacorra, ainda levamos o
 pedaço da terra
 Diferente deste que te
 vai ter agora

É respeito que nos é merecido
 nunca vai ser esquecido
 um dia ele vem,

Vem no clã de desta esperada lã
 Quem sabe pelas promessas
 de Jesus ca seja lá com for.

Escute são os tambores de novo
 É a sina deste teu povo, este fardo na cacada
 Deixa eu ir meu pai conselheiro
 te foi primeiro e não terá
 o derredore,
 sempre haverá um de nós
 Se encontrando contigo.

É sendo este o nosso castigo
 Se avança não, agaste se encontra,
 Escute são os tambores de novo,
 É a sina deste teu povo este fardo na cacada.
 Deixa eu ir, meu pai conselheiro.

(fãl de casa)

Óbvio: Final do poema, surge-se, novamente o repique dos atabaques fazendo uma introdução para entrada do último capitulo.

as luzes estarão apagadas.

Na entrada dos capoeiristas, acendem-se as luzes.

Estes capoeiristas, estarão divididos em número maior em relação aos anteriores, prevalecendo a maioria de militares. No final do combate tocam os atabaques.

Os militares que permanecer de pé, desta vez dão um grito de vitória.

Apagam-se as luzes uma narração em fita cassete relata o final da guerra.

NARRAÇÃO: Mais de mil militares morreram nesta guerra. Destes a maioria, soldados.

Uma guerra que não lhes pertencia. Eles não sabiam ao certo o porquê de estarem ali.

As forças superiores os faziam acreditar que tudo era em nome da República, contra uma perspectiva de volta da Monarquia! Só se esqueceram de acrescentar o motivo maior daquele massacre: o interesse pessoal de cada um. Ódio e exclusivismo e o egocentrismo, marcado por uma política que se arrasta desde os primórdios, e se estende até os nossos dias.

Pouco importava os objetivos de A. Condeineiro, aquela comunidade, as pessoas e muito menos, se ali eram felizes. Era preciso liquidá-los, o quanto antes. E depois passar uma lição: sem deixar o menor vestígio, daquela existência.

Esta esponja foi o aqued de Corcorán feito com as águas do Yarrabarris, que cobria o que agora da cidade, e junto, milhares de cadáveres.

E oitado daqueles que tiveram p azar de sobreviver. Estes foram capturados e degolados sem a menor piedade, sem a menor critéria de justiça.

As crianças. Pobres crianças! eram levadas como objectos de recordação daquelas batalhas. Não Deus o que seria feito delas! Tudo isso, consequência de uma das maiores violências já ocorrido neste país.

Violência que se alastra e se alastra, por todos os cantos do mundo. Que está na fúria de Sedan, Bapaume, no choro de George Sacco, e na marca dos cartões.

Violência que bateu na porta do Sul que voltou e seguiu pra bater em outro lugar.

Violência deixada no espaço que a cada minuto, cada passo, tem e terá seu tempo perdido.

Que: Os sintomas veross sobre a violência é repetição após e mais nacional.

Quando as luzes se acendem no fundo do palco, estará de um lado, um sexteto que cantará parte do hino nacional,

Do outro lado, outro personagem que também cantará (segundo 203).

Entre elas, dois militares e três padres que comem os seus mortos e destroços, consequências das batalhas, no final os dois repetem a verso sobre a violência.

Em seguida, as personagens se levantam, cantando "Tempo Perdido Agora"⁶). Num dos versos, os sacres personagens, começam a se levantarem e o ajudam ao canto.

Na final da música, experimentam o público.

Em seguida, um personagem se levanta, cantando *Tempo Perdido Anexo⁶*). Num dos versos, os outros personagens, começam a se levantarem e o ajudam no canto.

Se final da música, cumprimentos e público.

...
...
...
...

...
...
...
...
...
...

...
...
...
...
...
...

...

...

ANEXO 1

En! mundo vól!
Que dá oê arramô pra mim
não é direito vê o meu peito
doeu tanto assim

ai como doi
Essa separação
Prô lá dessa cidade
Vida miô, agente espera
Será que não mora aho?

En! meu pai conselheiro
vem aqui aho!
Que eu descorria a minha água
Enquanto as águas
Des caminhos, de lá

Música: Raulo Vêl

Compositor: Danilo Alencar

ANEXO 9

INNO NACIONAL

Quêiras do Ipiranga as aergens plácidas
De as povo héroi o brado retumbante,
E coel da liberdade, em reios fêlgidos,
Ardeas no céu da Pátria nuaas lanteas.

Es o penhor deusa igualdade
Casteguemse conquistar com braga forte,
Es teu seio, ó liberdade,
Desafie o monio peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salva! Salva!

Brasil, um soaas interese, um raio efêdo
De amor e de esperança à terra desca,
Es as teu formoso céu, risonho e almpago,
A lugaes do Cruzeiro resplandeca.

Gigante pela própria natureza,
Es belo, Es forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras aíl,
Es tu Brasil.
Ó Pátria amada!

Das filhas deste solo Es mãe gentil.
Pátria amada,
Brasil!